

## » CB.PODER ESPECIAL | THALES BRETAS | DERMATOLOGISTA

O médico participou da abertura da exposição itinerante *A infinita memória da pandemia*, do Ministério da Saúde. O viúvo de Paulo Gustavo destaca o legado do artista, que morreu por complicações da covid-19 em 2021

# “A ciência salva vidas”

» LUIZ FRANCISCO\*

O dermatologista Thales Bretas está em Brasília para participar da exposição itinerante *A infinita memória da pandemia: a história da covid-19 por todos nós, brasileiros*, uma iniciativa organizada pelo Ministério da Saúde e que apresenta um conjunto de registros produzidos pela sociedade brasileira durante a disseminação da doença que matou milhares de brasileiros — incluindo o marido do médico, o ator Paulo Gustavo (1978-2021). Em conversa com as jornalistas Mariana Niederauer e Sibeleg Negromonte, na edição especial do *CB.Poder* — parceria entre o *Correio* e TV Brasília —, Bretas também destaca o legado que o artista deixou para as famílias homoafetivas.

O entrevistado relata que foi convidado pelo ministro da Saúde, Alexandre Padilha, para participar da exposição e se sentiu surpreso pelo convite por remeter à “pior época” da vida dele. “Não fui somente eu que tive essas lembranças. Foram mais de 700 mil pessoas no Brasil que passaram por

um momento de apreensão e medo”, declara Thales Bretas. “Embora seja uma causa muito triste, é muito nobre enxergar esse momento e saber aprender com erros e progressos, pois foi uma época em que a medicina teve descobertas e trouxe um desenvolvimento forçado”, acrescenta.

Para o viúvo de Paulo Gustavo, a pandemia teria vindo para que as pessoas aprendessem a ser mais solidárias. Bretas se sente triste com os discursos negacionistas em relação às vacinas e, como um profissional da saúde, explica que a medicina é baseada em evidências e pesquisas até chegar à contribuição para a ciência. “Eu espero que esse movimento seja combatido com amor, sem a necessidade de violência. Isso serve para levantar o que nós vivemos e trazer a ciência como um marco que salva vidas”, afirma.

O dermatologista destaca que Paulo Gustavo se tornou um dos símbolos do movimento a favor das vacinas, pois ele era porta-voz contra a “política negacionista”. Para Thales, sua morte precoce, aos 42 anos, é uma alerta para os jovens que, mesmo saudáveis, podem

Davi Pereira/CB/D.A Press



“A pandemia nunca foi uma gripezinha”, alerta Thales Bretas



Aponte a câmera para assistir a entrevista completa

contrair a doença e ficar em estado grave. “Paulo tinha uma asma leve, controlada com uma bombinha inalatória, e eu nunca tinha visto uma crise dele. Foi uma surpresa, mas traz uma realidade para a população de que a pandemia não é uma simples gripezinha”, defende.

## Legislação

Além da exposição, Thales Bretas destaca que o falecido marido deixa um legado com a Lei Paulo Gustavo, um programa que destina R\$ 3,86 bilhões para o setor cultural. A legislação, criada para atenuar os impactos da pandemia de covid-19, direciona a maior parte do recursos ao audiovisual, além de contemplar diversas manifestações e linguagens artísticas. “É um marco para a história, para a vida de muitos brasileiros. Além de quebrar o preconceito, Paulo foi uma

pessoa que sempre se preocupava com a cultura”, observa.

O dermatologista assinala, ainda, que os filhos são o “maior projeto” da vida porque sempre quis ser pai mas, por ser gay, à época, não teve um exemplo de homossexuais que construíram uma família. “Existe uma grande parcela da população homossexual que quer formar uma família, e é muito importante quando recebo alguns feedbacks que dizem que a minha família inspirou outras pessoas”, narra o pai dos gêmeos Romeu e Gael, de 7 anos.

Bretas também adianta o projeto de montar um instituto voltado para acolher famílias homoafetivas. A iniciativa foi apresentada em uma palestra que homenageia Paulo Gustavo e que, segundo ele, teve comentários positivos do público. “Eu sou um porta-voz dessa mensagem, pois além de ser pai, eu passei por um momento difícil. Mas a iniciativa ainda é nova e ainda estou buscando novos patrocinadores para tornar uma realidade”, conclui.

\*Estagiário sob a supervisão de Patrick Selvatti

## Mostra mantém viva memória das vítimas

» CARLOS SILVA

O Ministério da Saúde inaugurou, ontem, a exposição *A infinita memória da pandemia: a história da covid-19 por todos nós, brasileiros*, no Shopping Conjunto Nacional. Gratuita e aberta ao público, a mostra reúne relatos, imagens, vídeos, instalações artísticas e testemunhos sobre os impactos da pandemia de covid-19 no Brasil.

A exposição foi construída a partir do Memorial Digital da Pandemia de Covid-19 e integra uma ação educativa promovida pelo Ministério da Saúde em parceria com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), a Unicamp e outras instituições ligadas à preservação da memória da crise sanitária. O espaço conta com 10 estações imersivas que abordam temas, como isolamento social, luto, ciência, solidariedade, vacinação e desinformação.

Durante a cerimônia de abertura, o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, afirmou que a iniciativa busca preservar a memória das vítimas da pandemia e estimular reflexões sobre os impactos da covid-19 no país. “O motivo dessa exposição é, primeiro, homenagear as vítimas da covid-19. Pela primeira vez é possível expor quais são os nomes, a idade e o estado dessas pessoas”, declarou o ministro.

A mostra inclui esculturas, instalações e registros digitais que retratam experiências vividas pela população brasileira durante os momentos mais críticos da crise sanitária.

Fotos: Minervino Júnior/CB



Marcia Lage, 71, destaca a mudança no comportamento humano pós-covid

ria. De acordo com o Ministério da Saúde, a exposição itinerante permanecerá em Brasília até o fim de junho e depois seguirá para outras cidades do país, entre elas São Paulo, Fortaleza, Porto Alegre e capitais da Região Norte. O ministro destacou, ainda, que a iniciativa pretende estimular debates sobre preparação para futuras emergências sanitárias.

O representante da Organização Pan-Americana da Saúde e da Organização Mundial da Saúde no Brasil, Cristian Morales, destacou a importância da preservação da memória das vítimas da covid-19

durante a inauguração da exposição. Segundo ele, a iniciativa ajuda a transformar os números da pandemia em histórias humanas e reforça a necessidade de preparação para futuras crises sanitárias. “Sem lembrar os nomes, é muito difícil entender o que foram essas 700 mil mortes”, afirmou.

Morales ressaltou que a pandemia afetou diferentes grupos sociais de maneiras profundas e que essas experiências não podem ser esquecidas. Ele citou o impacto nas periferias, nas escolas e nas famílias brasileiras durante o pe-

ríodo de isolamento social. “É importante conhecer também o que foi a vivência dos moradores nas periferias, das crianças nas escolas que tiveram que aprender a distância. Todas essas experiências que pegaram tanto aqui no Brasil e no mundo têm que ser lembradas todos os dias”, declarou.

## Impactos inesquecíveis

Entre os visitantes da exposição, o sentimento predominante era de emoção e reflexão sobre os impactos deixados pela pandemia. “Nos-

sa contemporaneidade pode ser dividida antes e depois da covid. Mudou muito o comportamento humano e a forma das pessoas se relacionarem”, afirmou a aposentada Márcia Lage, 71 anos.

A sobrinha dela Júlia Lage, 26, também ressaltou a importância de preservar a memória da pandemia. Para ela, lembrar o período é fundamental para evitar a repetição de erros e reforçar a importância da ciência e do Sistema Único de Saúde (SUS). “Foi um momento de muita dúvida, sofrimento e perdas, marcado por um negacionis-

mo científico”, argumentou.

Outro visitante da mostra, Florisvaldo Fier, 75, afirmou ter se emocionado com os relatos apresentados na exposição. Segundo ele, a iniciativa ajuda a recuperar a memória coletiva sobre um dos períodos mais difíceis enfrentados pelo país. “É emocionante ler os depoimentos das pessoas por aquele momento da covid. É importante recuperar a memória das pessoas para ver o que nós, brasileiros e brasileiras, passamos naqueles dias terríveis da pandemia”, concluiu.

## CONSCIENTIZAÇÃO

# Capital recebe debates sobre dignidade menstrual

» GABRIELA CIDADE\*

Hoje e amanhã, Brasília recebe o *Alana Ideia Fest 2026*, festival promovido pelo Instituto Alana. O evento tem como objetivo ampliar o debate sobre saúde menstrual, endometriose e dor pélvica na infância e adolescência, referente ao Dia Internacional da Dignidade Menstrual, celebrado amanhã. O evento é gratuito e tem programação no Túnel do SesiLab, hoje, e no Brasília Palace Hotel, amanhã.

As atividades de hoje buscam conscientização sobre a pauta em meio a debates, especialistas e uma mostra de curta-metragens nacionais e internacionais. O mote “Ser

menina não deveria doer: saúde menstrual, endometriose e proteção da infância” propõe, com as ações do Festival, trazer ao debate público o diagnóstico tardio e a desinformação, questões que envolvem os desafios da dignidade menstrual. Amanhã, no Brasília Palace Hotel, rodas de conversa e painéis voltados para a formulação de políticas públicas e articulação de redes acontecerão, finalizando o festival pela tarde.

De acordo com levantamento do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), aproximadamente 62% das jovens brasileiras deixaram de comparecer à escola e outros ambientes

por questões de saúde menstrual. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria, a dismenorrea primária (ou, popularmente, a cólica menstrual) está presente em cerca de 45% a 90% das mulheres que menstruam, com até 25% apresentando quadro grave.

O Alana indica que a naturalização da dor menstrual contribui para o atraso em diagnósticos, como a endometriose, condição que afeta uma a cada 10 mulheres, de acordo com o Ministério da Saúde. A doença atinge mais de 7 milhões de mulheres no Brasil, e causa dores e incapacidades, podendo levar à infertilidade. Com a naturalização do sofrimento, o diagnóstico pode demorar até 10 anos.

Divulgação



SesiLab será sede do Alana Ideia Fest 2026, hoje, aberto ao público

## Distribuição no DF

Desde 2023, absorventes higiênicos têm sido distribuídos em eventos de atendimento à

população do Distrito Federal, chegando também a igrejas, escolas, ações da Defensoria Pública e outras iniciativas sociais, a partir da Secretaria da Mulher

\*Estagiária sob supervisão de Patrick Selvatti